

REDES SOCIAIS DIGITAIS: RELAÇÕES ENTRE AUTOR, OBRA E LEITOR-ESPECTADOR

Carlos Henrique Medeiros de Souza¹

Doutor em comunicação – UFRJ, Mestre em Educação.

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos²

Mestranda em Cognição e Linguagem.

Resumo

Na sociedade contemporânea, o desejo de se comunicar é intensificado pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Por meio de redes sociais digitais pautadas na exposição performática de inúmeros *eus*, a escrita é recriada e dá origem a uma interlocução tão instantânea e eficiente quanto aquela da comunicação face a face. Assim, independente da localização física dos emissores, a comunicação transcorre fluentemente, contudo acrescida de algo inédito: várias pessoas interagem simultaneamente e dispõem de várias mídias em um mesmo ambiente. A partir desse contexto, surge o interesse desta pesquisa: as influências das redes sociais digitais sobre a divulgação de uma manifestação artística e a subsequente formação de um público leitor que, por conseguinte, desperta o interesse de editoras. A fim de exemplificação, será considerada como referência a *Fan Page* denominada *Eu me chamo Antônio*, observando a sua intensa popularização no ciberespaço. Para tanto serão levantadas questões sobre a fragmentação identitária do sujeito pós-moderno, bem como as novas formas de propagação e consagração do objeto artístico a partir do uso da internet.

Palavras-chave: Tecnologia. Comunicação. Autor. Leitor.

Abstract

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, elidatuao@hotmail.com.

² Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, elidatuao@hotmail.com.

In contemporary society, the desire to communicate is enhanced by the development of information and communication technologies. Through online social networks ruled the performative exhibition of numerous selves, writing is recreated and gives rise to a dialogue so instantaneous and efficient as that of face to face communication. Thus, regardless of the physical location of issuers, communication unfolds fluently, however plus unprecedented: several persons interact simultaneously and have multiple media in a single environment. From this context, the interest of this research arises: the influences of online social networks on the dissemination of artistic expression and the subsequent formation of a readership that, therefore, arouses the interest of publishers. The purpose of exemplification, shall be deemed to refer to Fan Page called My name is Anthony, noting its intense popularity in cyberspace. To both questions will be raised about the identity fragmentation of postmodern subject, as well as new ways of propagating and consecration of the artistic object from the use of the internet.

Keywords: Technology. Communication. Author. Reader.

Introdução

O sujeito contemporâneo se atrai pelas tecnologias digitais, especialmente pela *web*, e vislumbra o encurtamento de espaços e a sensação de ampliação do tempo:

Na verdade, e para além das posições mais ou menos fantasmadas que se possam desenhar face à comunicação na rede, esta cria efeitos de presença, pela aceleração do tempo e conseqüente aproximação de lugares e ainda pela participação activa dos interlocutores (BABO, 2004, p. 104).

Por meio das tecnologias da comunicação, os indivíduos ficam cada vez mais próximos, possibilitando a propagação de todo material desejado, inclusive o artístico. Nessas relações, a leitura e a escrita são essenciais, afinal, ainda que informaticamente virtual, o texto não perde a sua essência comunicativa e provoca a interação com o outro e, pela *internet*, isso ocorre principalmente pela escrita, ainda que minimalista.

Sinalizando o uso das redes sociais digitais como um mecanismo de propagação de uma produção artística, estão os guardanapos assinados como *Eu me chamo Antônio*, os quais exemplificam o uso das tecnologias na aproximação com o público.

Perante esse contexto, pretende-se, com esta pesquisa, discutir a influência que a mudança do suporte textual traz para a formação de um público e o novo modo de eleger um autor: primeiro, conquista leitores-espectadores; depois, publica um livro (impresso). Também é almejada a compreensão de aspectos relacionados à identidade na pós-modernidade, especialmente aqueles relacionados à figura do autor: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

1 Arte e palavras

A palavra *Poesia* é de origem grega e significa atividade artística, a atividade de criar ou de fazer. Conforme tal definição, a poesia ocorrerá sempre que, criando ou fazendo coisas, o indivíduo é dominado pelo sentido do belo. Há, então, poesia em lugares, pessoas, objetos e palavras, de modo a desautomatizar os objetos, atribuindo-lhes uma percepção singular que mobiliza a capacidade de identificação estética do olhar:

Na obra há uma organização astuciosa de um conjunto complexo de relações, um mundo único feito a partir do nosso próprio universo (“um quadro deve ser produzido como um mundo”, dizia Baudelaire), capaz de atingir e enriquecer nossa sensibilidade. Ela nos ensina muito sobre nosso próprio universo, de um modo específico, que não passa pelo discurso pedagógico, mas por um contato contínuo, por uma frequência que refina nosso espírito (COLI, 2013, p. 113).

O signo linguístico também se torna objeto estético à medida que se transmuta para o plano do signo literário. A linguagem perde sua função utilitária e o

autor não só emprega o código linguístico em suas obras, mas também o transgride, recriando-o – eis a arte literária:

[...] o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Tal tipo de discurso tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade (AZEVEDO, 2004, p. 40).

Um texto pode ser chamado de literário quando se torna singular, um recorte da própria realidade recriada pela sensibilidade do escritor de modo a transformar a palavra em matéria-prima da arte e propiciar uma leitura ligada ao real e ao fictício, pois “os textos literários não se esgotam na denotação de objetivos empiricamente dados, a representação por eles intencionada visa ao não dado” (ISER, 1996, p. 101).

A literatura exige um olhar estético e oferece um texto trabalhado no não dito e nos silêncios que aguardam a voz do leitor para alcançarem alguma acústica. Como toda arte, o texto literário segue o curso estabelecido pela história: “Os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais: eles nutrem a cultura, mas também são nutridos por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidos a partir dela” (COLI, 2013, p. 120).

Tendo em vista que o sujeito hodierno se encontra em uma busca incessante pela velocidade, pelo encurtamento do tempo e pela brevidade dos fatos, é possível constatar também a sua compatibilidade com um leitor conectado à internet e que nela encontra materiais que elege como *arte* e divulga entre amigos, formando uma teia – um público de contempladores. Dessa forma, manifestações artísticas como a *Fan Page Eu me chamo Antônio* chega ao alcance de leitores-espectadores e se multiplica, independente da opinião da crítica.

2 Traços pós-modernos em *Eu me chamo Antônio*

Enquanto o sujeito do Iluminismo compreendia a pessoa humana como um ser racional, unificado e centrado em um *eu* interior dotado de identidade, com a modernidade emerge o sujeito sociológico para o qual o *eu* era resultante das relações sociais, portanto, fruto de um diálogo perene entre as identidades constituintes do mundo exterior. Nesse momento, as interferências culturais constroem e reconstroem a identidade de um indivíduo e, ainda que mosaica e processual, uma identificação é mantida.

De contrapartida, ao sujeito pós-moderno resta uma identidade instável e fragmentada que segue o curso das alterações sofridas pelas instituições sociais e pela estrutura da sociedade:

Ausentam-se a fixidez, a essencialidade e a permanência da identidade: O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 13).

Esse tipo de comportamento reflete bem as relações estabelecidas nas redes sociais digitais, nas quais o caráter identitário é oscilante e mutável, sendo seus participantes detentores de plena autonomia para se identificar como desejarem – não mais como são. É dessa forma que o sujeito pós-moderno, incoerentemente, apresenta e ausenta uma identidade, sendo todos e ninguém simultaneamente: “[...] o antigo indivíduo ou o sujeito individualista está ‘morto’; de que podemos considerar o conceito de indivíduo singular e a própria base teórica do individualismo como ideológica” (JAMESON, 1985, p. 19).

A *Fan Page Eu me chamo Antônio* traz na própria ausência identitária uma totalidade: *Antônio* é um nome bem comum no Brasil, então, se refere a um grande grupo; entretanto, não deixa de ser o próprio autor, sobre o qual o leitor não tem

muitas informações. Se não há um sobrenome, nem foto do indivíduo que mantém as publicações na rede social, quem ele seria? Uma frase de apresentação construída em torno do verbo *chamar*, enfim, uma entidade tão virtual quanto o próprio espaço de publicação, quicá um termo que melhor expressa a condição do sujeito contemporâneo que, em vez de pós-moderno, estaria mais próximo do virtual.

Esse comportamento tão comum no *ciberespaço* aponta para um abalo nas questões de identidade do sujeito contemporâneo. Em entrevista à editora Intrínseca, o artista dos *guardanapos* é denominado como “o publicitário Pedro Gabriel”³ – então, não seria Antônio o seu nome de registro. Curioso, ainda, que, na revista *Marie Claire*, o mesmo artista é referenciado como Pedro Antônio⁴. Enfim, Antônio seria personagem ou autor? Dessa discussão, origina-se uma publicação intitulada *[EU ME CHAMO TODOS OS MEUS NOMES]*, cujo texto é escrito pelo próprio Antônio, então colunista da editora Intrínseca:

Eu me chamo Antônio. Isso você já sabe. Mas também me chamo Pedro. E Gabriel. E Anhorn. [...]Na minha Certidão de Nascimento, o escrevente deu fé em: Pedro Antônio Gabriel Anhorn. Pedro Antônio é o meu nome próprio, composto. Gabriel é o sobrenome por parte de mãe. Anhorn é meu sobrenome por parte de pai.⁵

Materializar a identidade do sujeito contemporâneo de modo a torná-la visível e apreensível é algo bastante desafiador, já que há uma tendência à não identidade. Em se tratando das relações estabelecidas nas redes sociais digitais, a crença em uma identidade tal qual está definida nos dicionários é ainda impalpável. Nessa revelação parcial do sujeito, a página *Eu me chamo Antônio* traz a proposta de uma identidade para a obra e não para o autor.

³ Disponível em <www.intrinseca.com.br/.../eu-me-chamo-antonio>. Acesso em: 16 set. 2013.

⁴ Disponível em <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2013/03/tumblr-eu-me-chamo-antonio-reune-frases-de-amor-em-guardanapos.html>>. Acesso em 15 set. 2013.

⁵ Disponível em: <http://www.intrinseca.com.br/site/2013/10/eu-me-chamo-antonio-todos-os-meus-nomes/>. Acesso em 24 out. 2013.

3 *Fan Page*: comunicação e consolidação de um autor

Eu me chamo Antônio é o nome dado a uma *Fan Page* do Facebook, a qual reúne diversos guardanapos textualizados por meio de imagens e palavras. Seria possível dizer, assim, que *Antônio* é o autor responsável pelas poesias em guardanapo disponibilizadas no Facebook. Afinal, como propõe Philippe Lejeune: “o autor é, pois, um nome de pessoa, idêntico, que assume uma série de textos publicados diferentes” (LEJEUNE, 2004, p. 23). Sob um ponto de vista similar, têm-se as colocações Foucault (2009, p. 83), para o qual “o autor é, sem dúvida, aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito.” Compreende-se, então, que, sendo *Antônio* uma assinatura comum a várias criações, constituiria a figura de um autor. Confirmando a condição de autor atribuída a Antônio, está o lançamento de um livro impresso feito por ele e que é intitulado *Eu me chamo Antônio*.

Um aspecto curioso nesse caso é que Antônio se torna popular por meio de redes sociais digitais – *Tumblr*, do *Instagram* e do *Facebook* – e assina suas obras da mesma forma como se apresenta, *Eu me chamo Antônio*:

Eu me chamo Antônio. Nasci no coração do mundo. Mais precisamente na África. Mais exatamente em N'Djamena, a capital do Chade. Aos 12 anos cheguei ao Brasil com uma mala cheia de brinquedos e saudades. Sim, saudade no plural. Saudade de todos que deixei e conheci. Até os 13 eu não formulava uma frase correta em português. Talvez esse seja o motivo principal pelo qual comecei a prestar mais atenção nas palavras, a brincar com elas, a entendê-las. Ah, eu adoro silêncio, distância, girafas e amores impossíveis. (Confesso que prefiro as girafas!)⁶.

O referido artista, por essência, já apresenta uma identidade biográfica fragmentada⁷, confirmando o perfil do sujeito pós-moderno, e se torna totalmente atípico quando se manifesta artisticamente – assinando suas produções por meio de uma frase de apresentação, *Eu me chamo Antônio*.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio>>. Acesso em 21 set. 2013.

⁷ Nasceu na África, desde os 12 anos mora no Brasil; tem mãe carioca e pai suíço, conforme entrevista concedida à marca Pulselibre Disponível em: <http://pulselibre.com.br/blog/2013/01/28/entrevista-com-eu-me-chamo-antonio/>. Acesso em 14 set. 2013.

A página criada por Antônio reúne textos em pequena escala, produzidos em guardanapos, nos quais predomina um jogo sensível com o sentido das palavras e a desconstrução de frases já saturadas. Muitas vezes apresenta ilustrações também produzidas pelo poeta, sendo bastante frequente o uso de uma grafia que se esculpe no papel. Os guardanapos poetizados são, então, fotografados e postados na rede.



Figura 1 – Guardanapos produzidos por Eu me chamo Antônio

Fonte: Fan Page Eu Me Chamo Antônio

Na medida de um guardanapo, porém com a criatividade necessária para a conquista de leitores-espectadores, a arte de Antônio encanta e forma público. A origem desse trabalho é explicada pelo próprio artista como algo casual: “No meu caso, era de exteriorizar todas as palavras confusas embaralhadas em mim”⁸. Seria, por isso, o nascimento de um escritor?

Ao responder à carta de um jovem poeta que se indaga a respeito da qualidade dos versos que escreve, Rainer Maria Rilke, um dos poetas mais importantes da literatura alemã, aconselha-o a avaliar a sua escrita voltando-se para dentro de si e, com isso, define o que faz de um indivíduo um escritor:

⁸Disponível em <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2013/03/tumblr-eu-me-chamo-antonio-reune-frases-de-amor-em-guardanapos.html>>. Acesso em 15 set. 2013.

Volte para dentro de si. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende às raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever. Sobre tudo isso pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso* escrever? Desenterre de si uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com forte e simples 'Preciso', então construa sua vida de acordo com tal necessidade; sua vida tem de se tornar, até na hora mais indiferente e irrelevante, um sinal e um testemunho desse impulso (RILKE, 2009, p. 25).

Antônio exterioriza, então, as palavras que tinha dentro de si, permitindo compreender que nele há um escritor, como pontua Rainer Maria Rilke, estabelecendo um pacto com a escrita: “É assim, nesse botequim,/ Sem pretensão alguma de ser poesia/ Que nasce a minha poesia”⁹ — como narra Antônio nas primeiras páginas de seu livro também intitulado como *Eu me chamo Antônio*.

4 Guardanapo ou tela informática?

Não importa mais o tamanho do texto, pois a ideia de volume se esfacela na era digital. Assim, tanto uma quanto milhares de páginas podem ter o mesmo peso e dispor de um mesmo volume; tornam-se cada vez mais portáteis. Enfim, se já foi decretada a morte do autor, as tecnologias digitais anunciam o nascimento da autonomia do texto: “[...] a edição digital liberta o texto de sua relação com o livro. Este, a partir de então, não determina mais aquele. O texto existe fora do seu suporte material” (CLÉMENTT, 2003, p. 30).

Com a tecnologia digital e suas redes sociais, Antônio consegue tornar sua arte conhecida e fazê-la circular com uma agilidade bastante próxima da dinâmica da fala. O que deveria ser apenas textos arquivados em gavetas torna-se um armazenamento compartilhado por meio da *web* e, desse modo, conhecido e apreciado por um público:

Certo dia, voltando para casa, depois do trabalho, encostei ao balcão do meu bar preferido, pedi um chope, um sanduíche de rosbife com queijo, e, enquanto esperava o pedido, comecei a rabiscar no guardanapo. Tinha certeza que jogaria aquela frase no lixo. Mas, por algum motivo, fotografei

⁹ Disponível em <http://issuu.com/intrinseca/docs/1_cap_eumechamoantonio_issuu>. Acesso em 27 out. 2013.

com uma câmera de baixa resolução que tinha em mãos. Depois de uns dias percebi que tinha uma pilha de guardanapos na gaveta do meu quarto. Decidi então colocar em alguma plataforma simples de entender e fácil de atualizar: encontrei o Tumblr¹⁰.

A Fan Page *Eu me chamo Antônio* é uma manifestação artística que alcança um grande número de pessoas devido à acessibilidade ocasionada pela *internet*. Muito antes do desenvolvimento da tecnologia digital, Walter Benjamin já estabelecia contrapontos em torno da reprodutividade técnica da obra de arte e apontava para o apagamento de sua aura, “[...] uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1987, p. 170). No que diz respeito à reprodução artística difundida pelos meios virtuais de comunicação, qualquer artefato observado do outro lado da tela equivale àquele produzido pelo artista: enfim, é exatamente o mesmo, ainda que desmaterializado – não se trata de uma cópia, pois o que se vê é justamente o original, mesmo havendo uma distância física entre o leitor-espectador e aquilo que ele observa. O que há é o efeito de desterritorialização:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se atualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a visualização lhes fez tomar a tangente (LÉVY, 1996. p. 21).

Junto ao uso das tecnologias digitais, desponta uma possibilidade grandiosa de propagação de todo e qualquer material, inclusive os artísticos, e de constituição de um público. Trata-se de um fenômeno bastante recorrente, em que o autor primeiro se consolida através de um público para, então, despertar o interesse de uma editora – como ocorre com os materiais divulgados pela página *Eu me chamo Antônio*.

¹⁰Disponível em <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2013/03/tumblr-eu-me-chamo-antonio-reune-frases-de-amor-em-guardanapos.html>>. Acesso em 15 set. 2013.

Com isso, não são excluídas as particularidades de uma obra, nem é determinada uma regra para jogo entre os espaços virtual e concreto: a produção em papel é divulgada nos ambientes virtuais e, desses mesmos espaços, surgem produções que se tornam impressas. Assim, os guardanapos de Antônio são digitalizados para serem postados no *ciberespaço*; depois, retornam ao plano concreto ao serem transformados em livro.

Curioso, que alguns guardanapos que Antônio divulga ao público mantêm as rasuras e isso transmite ao leitor uma sensação paradoxal: o texto virtual se mostra bastante concreto. Entretanto, não se trata de rasuras casuais, mas intencionais e provocativas, em que cancelar o emprego de uma palavra, riscando-a, seria pôr em prática a própria proposta do texto de Antônio e a rasura representaria a desistência nele indicada:

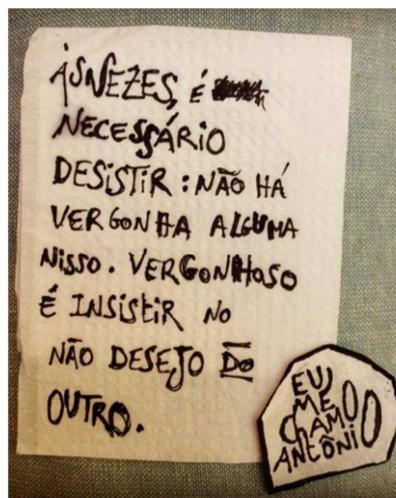


Figura 2 – Guardanapo com rasura

Fonte: Fan Page Eu Me Chamo Antônio

Com microtextos, Antônio propõe ao leitor uma visão não automática a partir de um jogo de palavras, que também tem como recurso a rasura:



Figura 3 – Rasura que desautomatiza a leitura

Fonte: Fan Page Eu Me Chamo Antônio

Há, assim, a permanência do suporte de papel, o guardanapo, como ícone referente à concretude da escrita, ainda que em ambiente virtual, e a imagem do texto original com rasura atribui certa contiguidade física, alçando uma contraposição em relação aos princípios da digitalização:

A relação de contiguidade física que os índices instituem com os seus referentes desaparece no digital. Essa contiguidade física aproxima, por exemplo, a fotografia da assinatura, dado que a ambas se aplica uma dimensão de testemunho – o ter estado lá – que o digital não contempla. Por isso a tecnologia do digital não se integra nos dispositivos do inscritevel mas inaugura outra lógica, a do virtual/actual, dado o digital operar não na inscrição, mas antes na tradução (0/1). (BABO, 2004, pp. 106-7).

O artista tem grande capacidade de armazenamento para suas obras no ambiente virtual; nele, abandona a fixidez e adere a maleabilidade: basta um clique para o leitor ser redimensionado a álbuns com as mais diversas criações: “As experiências que têm vindo a ser feitas no campo da digitalização das artes e da literatura têm como consequência imediata a nomadização do leitor-espectador, e a sua imersão perceptiva no próprio interior do texto-imagem-som” (Ibid., p. 109). Curioso, nesse caso, que mesmo em pequena extensão, a arte de Antônio faz exigências ao leitor: é preciso que ele faça a atualização daquilo que lê e isso dependerá da recepção estética que faz do texto.

5 A difusão artística no ciberespaço

A frase usada para privar a identidade do poeta dos guardanapos torna-se uma marca, tamanha a popularidade que atinge com as divulgações *online*. Com publicações no *Facebook* desde outubro de 2012, o projeto *Eu Me Chamo Antônio*, em janeiro de 2013, apresentava, aproximadamente, 20 mil fãs¹¹; em março, o número de apreciadores dessa *Fan Page* cresceu para mais de 72 mil¹²; em setembro do mesmo ano, ultrapassa a marca de 299 mil *curtidas* e, em outubro, 345 mil.¹³ São números que confirmam o poder de divulgação conferido pelas redes sociais digitais e atribuem a Antônio o título de *fenômeno do Facebook*. Esse poder de circulação marca a expansão de uma criação e a formação de um público leitor graças à singularidade proporcionada pelo agenciamento do texto através das tecnologias da informação e comunicação:

Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia espacial, uma máquina singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem (LÉVY, 1996, pp. 22-3).

É notável a distância criada entre a cultura de massa e a cultura erudita. Contudo, quando a arte ganha visibilidade sobre um suporte digital, as distâncias são encurtadas e as manifestações artísticas ficam dispostas a todos. Nesse espaço, o sujeito se torna nômade, podendo transitar livremente entre redes que se configuram de modo semelhante ao plano concreto. Apropriando-se dos recursos tecnológicos contemporâneos, como as redes sociais digitais, o escritor deixa de ser uma entidade inatingível e passa a estar próximo do leitor – inclusive, necessitando de inteirar-se com ele. As postagens feitas no *Facebook* são comentadas pelos leitores e Antônio retribui, mantendo um diálogo.

¹¹ Disponível em: <<http://pulselibre.com.br/blog/2013/01/28/entrevista-com-eu-me-chamo-antonio/>>. Acesso em 14 set. 2013.

¹² Disponível em: <<http://nathy.com.br/2013/03/15/pulselibre-fecha-parceria-com-eu-me-chamo-antonio/>>. Acesso em 22 set. 2013.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio?fref=ts>>. Acesso em 28 out. 2013.

Não é mais preciso suplicar uma publicação em editoras: publica-se a bel-prazer. Ao mesmo tempo, o sujeito que escreve tem sua realização como escritor viabilizada pela *web*, o que confirma sua capacidade de autoria: ele escreve e tem leitores, então, concretiza sua condição de autor. Dribla-se a censura editorial e, além de produzir, o sujeito reproduz e divulga o próprio trabalho desfazendo antigas hierarquias – a crítica se origina do próprio consumidor de arte, isto é, do leitor. Se antes da *web*, os artistas marginais produziam folhetos mimeografados, pôsteres poéticos, cartazes, caixas de poemas, antologias impressas em pequenas gráficas, atualmente a *internet* possibilita a disseminação das produções artísticas, sem perda de tempo ou custos exorbitantes.

Ainda que parcial, com os aparatos digitais, a arte se desvencilha do cunho capitalista e extrapola o princípio de compra e venda. Seria ingênuo pensar que, nesse caso, não haveria um interesse comercial: afinal, alcançando popularidade, o autor forma um público propício à compra de suas produções. Entretanto, algo inteiramente novo surge com as novas tecnologias digitais: rompe-se a fronteira entre autor/obra e um sem-número de leitores – ou seriam leitores-espectadores? – que podem acessar incontáveis conteúdos, entre os quais estão os textos literários, formando, assim, um público. Em *Eu me chamo Antônio*, a arte poética chega gratuitamente ao leitor através do *Facebook*.

Tal fenômeno não é propriamente aleatório. Há uma rede de interesses em comum que atrai os frequentadores da *web* para um mesmo ponto – ou para vários, simultaneamente –, compondo uma teia de relações que cresce aceleradamente, tornando as redes sociais digitais um sinônimo de comunicação em potencial. Mas, além disso, outro caráter se desponta com grande poder de agrupamento: a familiaridade entre os enunciadores. As redes sociais funcionam como um imenso círculo de amizades, ao qual constantemente são adicionados novos *amigos* que, descontraidamente, divulgam suas vivências banais – contudo, repletas de afetividade – e, nesse diálogo narcisista, páginas que ganham a preferência do internauta são *curtidas* e sugeridas aos outros que frequentem esse ambiente.

Assim, evidencia-se uma página especial, e as aproximações são feitas, constituindo um público:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidades por intermédios de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia (LÉVY, 1996, pp. 20-21).

Seguindo esse curso, o projeto *Eu me chamo Antônio* ganha popularidade nas redes sociais digitais, especialmente no *Facebook*, marcando uma singularidade que não está somente no interior do texto, mas que se desponta até mesmo no suporte que lhe é dado: primeiro o guardanapo, um papel; depois a tela, uma digitalização. Então o suporte de celulose ganha certo grau de abstração: ainda que o texto seja produzido em papel, ele chaga ao leitor sob um novo formato, o virtual. Em menos de um ano postando seu trabalho nas redes sociais digitais, o artista que se identifica como *Antônio* tornou-se conhecido e, apoiado pela editora Intrínseca, garante a publicação de um livro de arte que tem por objetivo reunir suas poesias em guardanapo¹⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela pesquisa apresentada, é possível verificar que as redes sociais digitais podem evitar o reconhecimento tardio de um artista, uma vez que possibilitam uma comunicação rápida e abrangente, capaz de formar um público de leitores-espectadores para uma produção artística: “[...] Duchuamp – ele próprio diz: ‘são os

¹⁴Disponível em: <www.intrinseca.com.br/.../eu-me-chamo-antonio>. Acesso em 16 set. 2013.

'olhares' que fazem um quadro'. Qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico" (COLLI, 2013, p. 70).

A sociedade pós-moderna apresenta um ritmo acelerado, ávido por tudo que seja de rápida resolução e que não a faça despender tempo. É desse modo que se manifesta a arte conhecida como *Eu me chamo Antônio* que, em poucos centímetros e com auxílio das tecnologias da comunicação, atingiu grande número de leitores-espectadores sem comprometer sua veloz dinâmica cotidiana. Assim, o sujeito pós-moderno atribui elasticidade à sua identidade. Com isso, ele torna frágeis as marcas da individualidade e macula sua identificação com fragmentações e desdobramentos que mais o aproximam de uma coletividade: "Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados" (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 11).

Na era digital, é através da pluralização do *eu* que se alcança um grande número de apreciadores e se forma um público antes mesmo de publicar um livro impresso, como se deu com Pedro Antônio Gabriel e a *Fan Page Eu me chamo Antônio*. Constata-se que, para isso, é necessária uma correspondência entre a arte produzida e a cultura predominante, bem como a adequação entre texto, meio de circulação e público seduzido.

Tem-se, então, que a tecnologia digital imprime mudanças comportamentais que não escapam sequer à esfera artística e, desse modo, é possível o uso de redes sociais digitais para a formação de um público que não só lê, mas também denota apreciação e divulgação do material artístico. Nesse movimento, fica evidenciado o uso de um suporte textual duplicado – guardanapo e tela digital, simultaneamente – direcionado para a expansão e a aceitação de um material artístico.

Um autor pode também nascer nas redes sociais digitais, mas, ainda assim, não se desvencilha da publicação impressa, transmitindo a sensação de que, no papel, ele se consagra, eterniza-se. Outro aspecto bastante curioso é que, mesmo com a publicação impressa – direcionada à comercialização – as produções de Antônio continuam sendo divulgadas no *Facebook*, o que torna esse ambiente um

imenso livro aberto. Dessa forma, é estabelecida a manutenção do desejo do leitor, além de tornar possível o acesso gratuito a um vasto material de *Eu me chamo Antônio*.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura*. In: Souza, R. J. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo:DCL, 2004.

BABO, Maria Augusta. O hipertexto como nova forma de escrita. In: Sússekino, F. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007. Disponível em: <http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1473/Roland_Barthes_-_Crítica_e_Verd.pdf> Acesso em 07 set. 2013.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, magia e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: As implicações intelectuais da edição eletrônica. In: Sússekino, F. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

COLLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005. Disponível em <revista.ucg.br/index.php/caminhos/article/viewFile/1343/907> Acesso em 07 set. 2013.

IZER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *Novos Estudos CEBRAP*. n. 12, p. 16-26, jun. 1985. Disponível em <http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/jameson_posmodernidadeesociedadedec onsumo.pdf>. Acesso em 07 set. 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?*, São Paulo: SENAC, 2001.

Sites pesquisados

Eu me chamo Antônio. <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio>>. Acesso em 21 set. 2013.

Eu me chamo Antônio. <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio>>. Acesso em 28 out. 2013.

[Ele se chama Antonio! Entrevista com Antonio, criador de poesias em guardanapos.](http://pulselibre.com.br/blog/2013/01/28/entrevista-com-eu-me-chamo-antonio/) <<http://pulselibre.com.br/blog/2013/01/28/entrevista-com-eu-me-chamo-antonio/>>.

Acesso em 14 set. 2013.

Tumblr “Eu me chamo Antônio” reúne frases de amor em guardanapos. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2013/03/tumblr-eu-me-chamo-antonio-reune-frases-de-amor-em-guardanapos.html>>. Acesso em: 15 set. 2013.

Poesias em guardanapo viram livro de arte. Disponível em: <www.intrinseca.com.br/.../eu-me-chamo-antonio>. Acesso em: 16 set. 2013.

Eu me chamo Antonio e todos os meus nomes. Disponível em: <<http://www.intrinseca.com.br/site/2013/10/eu-me-chamo-antonio-todos-os-meus-nomes/>>. Acesso em: 24 out. 2013.

Pulselibre fecha parceria com Eu me chamo Antônio. Disponível em: <<http://nathy.com.br/2013/03/15/pulselibre-fecha-parceria-com-eu-me-chamo-antonio/>>. Acesso em: 22 set. 2013.

Pulselibre fecha parceria com Eu me chamo Antônio. Disponível em: <http://nathy.com.br/2013/03/15/pulselibre-fecha-parceria-com-eu-me-chamo-antonio/estampa_2/>. Acesso em 24 set. 2013.